

A Mesa da Palavra explicada

Padre Albino Reis

Domingo XV do Tempo Comum - Ano C – 13.07.2025

1ª leitura – Deuterónimo 30,10-14

Salmo – Salmo 68 (69)

2ª leitura – Colossenses 1,15-20

Evangelho – Lucas 10, 25-37

Há passagens do Evangelho que quase não exigem explicação. A do Bom Samaritano é uma delas. Mas, precisamente por ser demasiado conhecida e tão evidente, é também demasiado rapidamente classificada na categoria de "belas histórias". Uma bela história que não nos cansamos de ler ou ouvir e de onde retiramos sempre novos ensinamentos.

Tudo começa com uma pergunta: *"O que devo fazer para ter a vida eterna?"*

Boa pergunta. É colocada por um homem que não procura aprender, mas *pôr Jesus à prova*. Como se quisesse verificar se Jesus era realmente ortodoxo, se ia responder "correctamente".

E Jesus, como muitas vezes acontece, não responde directamente. Ele devolve o homem à sua própria consciência: *«Na Lei, o que lês?»* É uma forma de dizer: Tu sabes a resposta. A resposta está em ti. Não é conhecimento o que te falta, é a coragem de o pôr em prática.

E o homem responde bem: *"Amarás o Senhor, teu Deus... e o teu próximo como a ti mesmo"*. Perfeito.

Mas o homem insiste: *"E quem é o meu próximo?"* Por outras palavras: *até onde sou obrigado a amar? Até onde terei de participar? Onde termina o meu trabalho?*

E aí, Jesus conta esta parábola que quebra todas as molduras politicamente correctas: Um homem vai de viagem, é assaltado, fica meio morto. Três pessoas passam. Três olhares. Três reacções.

Um sacerdote. Ele vê. Ele passa, continua a sua viagem. Tem obrigações religiosas. Tema tornar-se impuro. Ou talvez ele simplesmente não se queira envolver.

Um levita. Ele vê. Ele passa, continua a sua viagem. Não é problema dele. Não foi ele que bateu no homem e o colocou naquela situação miserável. Não tem nada para se recriminar.

Um samaritano. Um herege aos olhos dos judeus, um homem desconfiado... Ele também vê. E para. Aproxima-se. Toca no homem. Tratado homem, prestando-lhe os primeiros socorros. Carrega-o no seu jumento, leva-o até uma estalagem e confia ao estalajadeiro a continuação dos cuidados necessários, pagando e comprometo-se a pagar o que vier a ser necessário.

O samaritano é aquele que os judeus consideram impuro, herético, perigoso. Ele não faz parte do "grupo certo". E, no entanto, é Ele que Jesus escolhe como modelo.

É um soco no estomago e na cara dos ouvintes de Jesus. Na nossa, portanto, também. Porque, no fundo, esta parábola diz uma coisa: não é a tua confissão, o teu estatuto, o teu papel social ou religioso que diz se estás próximo de Deus. É o que tu fazes diante de quem sofre. Podes rezar todos os dias, ter responsabilidades pastorais na tua comunidade, nunca faltar à Eucaristia, respeitar todas as normas e rotinas... Se não te deixares tocar pelo sofrimento alheio, se não lançares o teu olhar nos 360 graus que te rodeiam, se nunca parares para ajudar, se não ofereceres o teu tempo e os teus bens para ajudar a construir a felicidade e proporcionar bem estar àqueles que vivem próximo de ti, estás a perder o Evangelho.

A sentença de Jesus é clara. Ao invés de felicitar o levita pela sua resposta teórica correcta, dá-lhe uma ordem: *"Vai, e faz, também tu, o mesmo"*.

Essa é a única coisa que importa: Ver, aproximar, agir. Não nos fechamos em definições ou desculpas. Mesmo que seja perturbador, mesmo que custe. O meu próximo não é aquele que escolho amar ou que merece o meu amor. É aquele que precisa de mim.

Esta parábola não nos pede sentimentalismo abstrato. Exige de nós a coragem de quebrar rotinas,

É uma questão de misericórdia, ou seja, do coração, das vísceras, da verdade do evangelho que se faz vida.